

**O NAUFRÁGIO DO TITANIC:  
A VIDA DAS MULHERES TRABALHADORAS EM MOMENTOS DE  
CATÁSTROFE**

**EL HUNDIMIENTO DEL TITANIC:  
LA VIDA DE LAS MUJERES TRABAJADORAS EN TIEMPOS DE  
CATÁSTROFE**

**THE SINKING OF THE TITANIC:  
THE LIVES OF WORKING WOMEN IN TIMES OF CATASTROPHE**

Ana Karen Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** A condição particular das mulheres trabalhadoras, especialmente das mulheres negras, se tornaram ainda mais difíceis nesse momento catastrófico onde a crise política e econômica do capital determinam e são determinadas pela a crise sanitária da proporção da pandemia de COVID - 19. Nesse sentido o objetivo deste ensaio é trazer elementos para a análise das condições de trabalho e vida, principalmente das trabalhadoras da saúde, das trabalhadoras domésticas e daquelas que sofrem violências, a partir de elementos de uma leitura marxista da condição da mulher na sociedade capitalista e da teoria da determinação social do processo saúde - doença.

**Palavras - chave:** crise econômica, crise sanitária, trabalhadoras da saúde, trabalhadoras domésticas, violência à mulher

**Resumen:** La condición particular de las mujeres trabajadoras, especialmente las mujeres negras, se hizo aún más difícil en este momento catastrófico donde la crisis política y económica del capital determina y está determinada por la crisis de salud de la proporción de la pandemia de COVID - 19. En este sentido, el objetivo de este ensayo es aportar elementos para el análisis de las condiciones de trabajo y vida, principalmente de las trabajadoras de la salud, las trabajadoras domésticas y las que sufren violencia, a partir de elementos de una lectura marxista de la condición de la mujer en la sociedad capitalista y la teoría de determinación social del proceso salud - enfermedad.

**Palabras clave:** crisis económica, crisis de salud, trabajadores de la salud, trabajadores domésticos, violencia contra las mujeres

---

<sup>1</sup> Professora Auxiliar na Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestranda em Educação na Universidade Federal da Bahia ( UFBA). Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela a Escola Estadual de Saúde Pública Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Netto. Especialização em Gestão e Políticas de Saúde Internacional e Soberania Sanitária pelo Conselho Latino Americano de Ciências Sociais ( CLACSO). Pesquisadora no grupo Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação (MTE) na linha " Políticas Educacionais" e no Laboratório de Estudos Marxistas (LEMARX-UESB) na linha "Estudos articulados sobre Mulheres, Feminismo e Ideologia".

**Resume:** The particular condition of working women, especially black women, became even more difficult in the current catastrophic moment in which the political and economic crisis of capital determines and is being determined by the health crisis, with such proportion as the COVID-19 pandemic. In this way, the aim of this essay is to analyze the working and life conditions, mainly of health and domestic workers and those who suffer violence, from elements of a Marxist reading of women condition in a capitalist society, as well as the theory of social determination of the health - disease process.

**Keywords:** economic crisis, health crisis, health workers, domestic workers, violence against women

*Não é como um massacre, como uma bomba;  
afinal ninguém sangra, ninguém é mutilado;  
o fato é só que ela está aumentando mais e mais,  
que está se insinuando por toda a parte, que tudo ondeia;*

...

*...  
você primeiro sente, em sua caixa torácica,  
como ela se imiscui com urgência, salgada, pachorrentamente,  
como ela fria e sem violência, toca primeiro  
os jarretes, depois os quadris, os mamilos,  
as clavículas; até estar enfim à altura do pescoço,  
até que você a beba, até que sinta como ela busca  
as entranhas, a traquéia, o útero, como a água  
busca sedenta a boca; como ela quer preencher tudo,  
como quer ser engolida, e também engolir  
(ENZENSBERGER, 2020, Canto Décimo )*

A sensação de afogamento causada pela COVID – 19, doença gerada pelo vírus SARS – COV- 2, o novo coronavírus, é apontada por pessoas que enfrentaram a doença como uma situação que gera grande desconforto e medo. Porém Hans Magnus<sup>2</sup>, poeta alemão filiado às tradições de esquerda e marxista, não estava falando necessariamente de um naufrágio em sua obra, mas sim da possibilidade do fim da sociedade burguesa.

O naufrágio do Titanic, o esplendoroso navio que nenhum de seus engenheiros acreditaram que poderia afundar devido ao aparato tecnológico desenvolvido durante a segunda revolução industrial e foi ao fundo do mar gerando milhares de mortes pode,

sem anacronismos, servir de metáfora ao momento que vivemos. A diferença é que nesse momento a tragédia é a nível mundial, o número de mortos já é centenas de vezes maior e tudo indica que os “engenheiros” já previam os afogamentos, mas estes, fazem parte da tentativa de impedir o naufrágio.

A obra épica de Hans Magnus, que é escrita em Havana (1969) após a vitoriosa revolução cubana e mais tarde na Alemanha, durante a Guerra Fria, traz elementos daqueles que reconhecem a possibilidade de superação da velha ordem, mas que vê com olhos taciturnos as propostas revolucionárias do proletariado carregando em suas primeiras experiências duradouras elementos daquilo que desejavam superar. Mas se o poeta mantém esquadrihada a conjuntura mundial - algo que também registra na sua “comédia” - perceberá que o “Titanic” está oscilando cada vez mais, sua novíssima tecnologia expõe a vista suas velhas peças enferrujadas e tem rumado para águas profundas, onde aumenta – se as possibilidades de encontrar icebergs.

Mas a intenção principal desse texto não é falar da possibilidade de Naufrágio do Titanic, apesar de ela ser determinante socialmente, mas sim das condições de vida e trabalho de parte de seus tripulantes. A vigência da pandemia e suas consequências na vida das mulheres se dá de forma diferenciada em uma sociedade classista, patriarcal, racista e heteronormativa. Nesse sentido o objetivo deste ensaio é trazer elementos para a análise das condições de trabalho, principalmente das trabalhadoras da saúde e das trabalhadoras domésticas, bem como sobre a situação de violência contra a mulher, aguçada nesse momento. Porém as condições diferentes de exploração e dominação que as mulheres estão sujeitas historicamente, não prescinde de leituras que possibilitem a relação não dissociada das condições particulares e gerais, que condicionam esse momento da sociedade de classes. Assim, de forma não aprofundada, serão apresentadas questões sobre a crise capitalista e a determinação social do processo saúde e doença.

### **1.1 Icebergs ou problemas do próprio navio?**

Diversos noticiários e governos do mundo anunciam a recessão econômica que aparenta ser gerada exclusivamente pela paralisação ou redução do trabalho devido a pandemia. Como sempre a origem da crise é apontada pelos ideólogos burgueses por uma causa externa, que interfere no “bom” funcionamento sistêmico do capital. Marx em seus estudos minuciosos sobre o modo de produção capitalista, mostra que determinados fenômenos naturais ou econômicos que são apontados como causas das crises são na verdade seus efeitos. Os quais são expressão das contradições do

movimento de valorização do valor e que podem se tornar gatilhos que detonam processos críticos já produzidos em sua própria dinâmica interna (BOTELHO, 2020).

Estudiosos sobre o tema, como Martins (2020) e Botelho (2020), apontam parâmetros econômicos que mostram que o processo de acumulação dos últimos dez a doze anos já anunciava nova crise capitalista, que deveria ter seu início por volta de 2020. Não tinha como se saber se a queda nas taxas de lucros iria ser lenta ou arrastada, como em 2008, ou mesmo qual o gatilho que iria acioná-la a nível mundial, porém já era previsível sua chegada.

Isso significa que não foi a COVID – 19 que gerou a crise capitalista, ela é própria do seu modo de funcionamento, o problema faz parte das engrenagens do navio. A diminuição da extração de mais valor em alguns ramos, bem como a redução da circulação de mercadorias devido às medidas de distanciamento social, amplia as consequências de uma crise já anunciada. Poderíamos dizer na nossa metáfora que o Iceberg ou a COVID-19, somente arranhou um sistema de peças e acelerou os problemas já instalados. Atribuir a causa da crise às medidas tomadas para o controle da pandemia é mais uma tentativa de camuflar as verdadeiras origens da catástrofe.

## **1.2 O que gera Icebergs? São o acaso da natureza ou tem uma “mãozinha” do aquecimento global?**

O capital em seu contínuo processo de extração do valor, ampliado de forma ainda mais devastadora em sua fase financeirizada ou imperialista, se expande para todas as partes do planeta, destruindo de forma descontrolada a natureza e convertendo a humanidade em trabalhadores assalariados em condições cada vez mais precarizadas. Essa devastação ambiental, atrelada a nossa predatória relação com os animais, capitaneadas pelo agronegócio em sua sanha de produzir aceleradamente <sup>3</sup>, cria condições para a transmissão de novos vírus dos animais para seres humanos e nos torna mais suscetíveis às zoonoses (MENDES, CARNUT, 2020). Animais enclausurados, estressados e debilitados, geram a possibilidade de cepas de vírus mutantes se proliferarem em seus organismos e gerarem doenças, que podem ser transmitidas aos seres humanos. Stefan Cunha Ujvari (2011), infectologista que desde o início dessa década apontou a possibilidade de uma pandemia, também indicou como a caça e prisão dos civetas selvagens, gerou em 2013 a epidemia da Síndrome Respiratória Aguda Severa (SARS).

Flor (2018) ao discutir os elementos que geraram a epidemia de Ebola na África reitera os estudos acima. O autor menciona como os conflitos civis entre Libéria e Serra Leoa aumentaram a pressão sobre o meio ambiente, bem como a extração maciça de óleo de palma, acelerou a transformação das relações naturais estabelecidas entre morcego, vírus e a população, facilitando a infecção em humanos. Isso está diretamente relacionado ao desenvolvimento capitalista a nível internacional, tanto em seu momento de acumulação primitiva de capitais, que implicou no colonialismo na África e Ásia e na escravidão dos povos africanos, bem como as décadas de ajustes e controles fiscais impostos pelo Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial a esses países, que impõe uma maior extração de mais valor sobre as economias dependentes.

Apesar da possibilidade de a pandemia ser conhecida pelos organismos internacionais e por centros de estudos em países como os EUA, nada foi feito para transformar as causas sociais do surgimento das Doenças Infecciosas Emergentes (*Emerging Infectious Diseases* ou EID), termo criado pelo infectologista estadunidense Stephen Morse em 1989. Esse rol de doenças (HIV/SIDA, Ebola, gripe aviária, gripe suína) foram consideradas um perigo à segurança social dos EUA, principalmente por poder gerar repercussões em suas relações comerciais. Isso implicou na intervenção dos EUA e Canadá na Organização Mundial da Saúde (OMS) para a criação de um sistema de vigilância epidemiológica global que pudesse responder a essas ameaças (FLOR, 2018; BASILE, 2020).

Apesar de parecer num primeiro momento útil para o mundo esse sistema de vigilância, ele apenas representou mais uma forma de manter e adquirir mais lucros para determinados setores, como as indústrias farmacêuticas. O sistema além de voltar suas preocupações apenas para as doenças que podem atingir os países de capitalismo central ou o norte global e não levar em consideração a realidade de saúde dos países emergentes ou subdesenvolvidos, também impôs a aquisição de antirretrovirais como política de seguridade para contenção de possíveis epidemias. Ou seja, já era conhecida a possibilidade da pandemia e suas causas, mas preferiu-se investir em ampliar os lucros das indústrias farmacêuticas, médico/hospitalares e de planos de saúde, impondo um genocídio massivo à nível global. As mortes fazem parte do processo de impedir o naufrágio do sistema capitalista.

## **2. Quem fica com os botes salva vidas?**

A pandemia de COVID – 19 têm evidenciado contrastes gritantes a nível internacional na contenção da doença. Apesar dos maiores investimentos públicos e privados estarem voltados para o setor hospitalar, principalmente na estruturação de UTIs, os países que vem controlando a pandemia de forma mais eficaz foram aqueles que investiram no isolamento social, garantindo a paralisação econômica e o suprimento da população através do acesso a rendas básicas. Apesar de o sistema hospitalar ser essencial para os casos mais graves, somente o distanciamento tem mostrado real efetividade em diminuir o número de acometidos e mortos.

Países como Venezuela e Cuba, que sofrem com o bloqueio econômico e político dos EUA, apesar de todas as dificuldades financeiras, ao adotarem medidas sociais que estão garantindo a população manter-se em casa, registram uma baixíssima mortalidade <sup>4,5,6</sup>. O Vietnã, com medidas no mesmo sentido <sup>7</sup>, apesar da alta concentração populacional, não teve até o momento nenhum óbito <sup>8</sup>. Poderíamos afirmar que seria a falta de testes que geraria os poucos números, mas a Venezuela, por exemplo, tem realizado mais testes proporcionalmente a sua população que o Brasil <sup>8</sup>.

Contraditoriamente as economias mais ricas do planeta são aquelas que a população tem mais sofrido com o adoecimento e mortes. Os Estados Unidos, considerada a maior democracia do mundo, tornou-se o epicentro da epidemia e hoje acumula o maior número de casos e óbitos confirmados, junto com a Espanha, Itália, França, Alemanha, Reino Unido e Brasil <sup>8</sup>. Nos EUA e no Brasil, a mortalidade é maior entre a população afroamericana, que se concentram nas periferias das cidades, o que escancara ainda mais o caráter social da doença <sup>9,10,11</sup>. Asa Cristina Laurell, importante pesquisadora da vertente da epidemiologia crítica latino-americana, ao estudar os perfis patológicos entre Cuba, EUA e México, constata o mesmo: “...as sociedades que diferem em seu grau de desenvolvimento e organização social devem apresentar uma patologia coletiva diferente. Finalmente, dentro de uma mesma sociedade, as classes que a compõem mostrarão condições de saúde distintas” (LAURELL, 1982, p.9-10)

Apesar das características de alta transmissibilidade do vírus e do desconhecimento médico da doença, esses contrastes mostram como o processo saúde - doença não se resume aos seus aspectos biológicos, na realidade sua determinação é social e histórica. Nesse estudo não é possível fazer uma análise do movimento histórico e político dos países apontados com a profundidade necessária, assim como as medidas que cada um deles realizou. Porém, em linhas gerais, podemos afirmar que Vietnã e Cuba apontam para construções socialistas e a Venezuela, nos governos

chavistas, têm investido em medidas de soberania nacional e diminuição da pobreza. Enquanto isso, EUA, países europeus e o Brasil, aprofundaram nos últimos anos as medidas neoliberais, a austeridade fiscal e a desregulamentação do trabalho.

As tragédias que a pandemia vem causando se concentram principalmente em locais onde estão se combinando: 1. Negligência com o isolamento social por parte dos governos; 2. Impossibilidade de manter-se em casa por falta de políticas sociais que garantam os elementos básicos para viver; 3. Desassistência dos sistemas de saúde ou seu colapso; 4. Falta de equipamentos de proteção individual e testes terapêuticos para a população em geral e profissionais da saúde, que evidencia as dificuldades de desenvolvimento científico ou a priorização de certos setores industriais.

Laurell (1982) ainda chama atenção em outra questão fundamental para analisar algumas medidas tomadas pelos governos capitalistas, as quais têm sido diretamente relacionadas às necessidades do retorno ao trabalho. A apresentação irresponsável e apressada, sem estudos científicos da Cloroquina e Hidroxicloroquina ou a medida genocida de “imunidade de rebanho”<sup>12,13</sup>, traz subjacente o processo ideológico de biologização e individualização da doença.

...a análise histórica mostra como as necessidades das classes dominantes, que se expressam como se fossem as necessidades da sociedade em seu conjunto, condicionam um ou outro conceito de saúde e doença. Na sociedade capitalista, por exemplo, o conceito de doença explícita está centrado na biologia individual, fato que lhe retira o caráter social. O conceito de doença oculta, quer dizer, que está subjacente na definição social do que é doença, refere-se à incapacidade de trabalhar, o que a coloca em relação com a economia e eventualmente com a criação da mais-valia e possibilidade de acumulação capitalista.

O fato de que o conceito de doença tenha um componente claramente ideológico não quer dizer que seja falso, senão que é parcial, isto é, que não deixa ver além de uma parte da problemática. O caráter parcial, deste modo, não permite avançar o conhecimento, senão em algumas áreas, deixando outras ocultas ( LAURELL, 1982, p.15).

Por último e razão deste estudo, as consequências de catástrofes como essa em geral causam ainda mais danos para as frações da classe trabalhadora que sofrem para além da situação de exploração, a dominação patriarcal, racista e LGBTfóbica. Relatório realizado pela a ONU Mulheres traz inúmeras questões que mostram condições mais difíceis para as mulheres em momentos como esse, por exemplo: a situação de isolamento social aumenta a chance de violência doméstica; as mulheres são maioria entre aquelas que exercem trabalho não-remunerado, trabalho informal e relacionados ao cuidado; aumento das dificuldades para o acesso a serviços de saúde e

de proteção à mulher; aumento no estigma, xenofobia e discriminação; a segurança alimentar de mulheres e meninas pode ser mais afetada, levando a maior risco de exploração sexual ( ONU MULHERES BRASIL, 2020).

## 2.1 Como vai o barco brasileiro?

O Brasil já é o segundo país no mundo com número de acometidos <sup>8</sup>, atrás apenas dos Estados Unidos. Na contramão das medidas que vêm sendo indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) internacionalmente, Jair Bolsonaro vem fazendo declarações genocidas, estimulando um ideário social de “força do brasileiro”, reforçado principalmente a partir da figura do patriarca ou do “Machão”, que construiu durante toda sua campanha. A classificação da doença como “gripezinha” <sup>14</sup>, o estímulo ao fim do distanciamento social (realizado ainda de forma parcial nacionalmente), o apoio às manifestações pelo fim do distanciamento e reivindicando nova ditadura <sup>15</sup>, a contraposição entre a economia e as medidas sanitárias, a teatrologia em torno das mudanças de seus ministros, a indicação de um militar <sup>16</sup> para assumir o Ministério da Saúde são algumas de suas manifestações esdrúxulas. Elza Peixoto e demais autores/as, ao fazer uma análise sobre as respostas à pandemia do Governo Bolsonaro, relacionada aos diferentes setores que compõe o seu governo, auxilia na compreensão da conjuntura brasileira:

Às igrejas pentecostais, que perdem fluxo de caixa com a suspensão dos cultos, o governo responde com a inclusão dos serviços religiosos como essenciais. Ao empresariado do agronegócio e dos setores de transporte, o governo responde colocando a PRF a serviço da garantia de circulação dos transportes de carga, controlando os serviços de combustível, borracharia e alimentação abertos nas estradas. Às empresas aéreas, Bolsonaro libera “ajuda federal para bancar os reembolsos aos passageiros e mais prazo para pagar as outorgas portuárias”. Aos planos de saúde, o Ministro Mandetta responde com a liberação das reservas de segurança do consumidor contra o calote. Ao comércio de produtos e serviços – o setor mais barulhento que promove campanha em redes sociais e mobiliza carreatas em várias localidades do Brasil pelo fim do isolamento social<sup>80</sup> – o presidente responde com a negação da quarentena horizontal e a defesa da quarentena vertical<sup>81</sup> além de um pacote de socorro às empresas, incluindo a suspensão de contratos e o pagamento do salário dos empregados<sup>82</sup>. À indústria farmacêutica, acena com a produção e comercialização da hidroxicloroquina<sup>83</sup>. Aos setores ligados ao capital financeiro – Paulo Guedes responde com milhões em recursos para a recuperação das perdas com as oscilações da bolsa e a queda da produção e da circulação das mercadorias. Às corporações privadas de educação<sup>85</sup>, Bolsonaro e Weintraub, de forma oportunista e irresponsável, viabilizam, finalmente, a implantação da Educação a

Distância – EaD associada à defesa da educação domiciliar. O judiciário ligado à lava-jato esforça-se por impedir o crescimento do Partido dos Trabalhadores e da credibilidade de Lula no meio da crise – com o pedido de cassação do partido. Aos militares foi dada a tarefa, em associação com o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal - STF, de colocar ordem no caos promovido pelos Bolsonaro, garantindo – em relações contraditórias com as chantagens das milícias e das corporações de segurança privada – a sustentação da governabilidade ( PEIXOTO et al, 2020, p.35)

Medidas anteriores, tais quais a Emenda Constitucional 95, que agravou o subfinanciamento crônico do Sistema Único de Saúde <sup>17</sup> ; e a Reforma Trabalhista, que retirou direitos das trabalhadoras e trabalhadores, foram aprofundadas no início da pandemia através de Medidas Provisórias (MPs) assinadas por Jair Bolsonaro. As MPs 927 e 936, por exemplo, afetam drasticamente a proteção social, flexibilizando contratos de trabalho e possibilitando a demissão, com intenção única de manter os lucros das empresas, contrariando os planos emergenciais implementados em outras partes do mundo que visam garantir um mínimo de estabilidade econômica aos trabalhadores e trabalhadoras. <sup>18</sup>

### **3. Nos quartos trancados do navio – A violência doméstica, o reacionarismo e a pandemia**

O drama da pandemia vai muito além das cenas publicadas na televisão ou internet, as situações invisibilizadas de sofrimento no ambiente doméstico, palco principal das violências patriarcais, ganham amplitude com as medidas de isolamento e distanciamento social. Antes da pandemia essa já era uma situação alarmante, de acordo os dados da Organização Mundial da Saúde uma a cada três mulheres no mundo sofre violência física ou sexual <sup>19</sup>. Durante a pandemia dados da China, Reino Unido, Estados Unidos, Brasil e outros países mostram o aumento dos casos desde que iniciou o surto da COVID – 19 <sup>19,20</sup>. Pesquisa realizada pela Folha, por exemplo, mostrou que o assassinato de mulheres em São Paulo dobrou desde o início da doença em relação ao mesmo período do ano passado <sup>21</sup>.

A proximidade constante dos agressores, o confinamento dentro das casas, a restrição de contato com amigos e familiares que poderiam prestar auxílio, a dificuldade em acessar serviços médicos ou terapêuticos devido a sobrecarga dos mesmos e a maior chance de adquirir a COVID – 19 são condições que agudizam a situação de violência. Outras questões como o receio de contaminar familiares que poderiam prestar abrigo e a

maior suscetibilidade econômica também podem determinar a manutenção dentro da relação <sup>19,20</sup>.

No Brasil os dados sobre violência a mulher já eram alarmantes. De acordo ao Mapa da Violência de 2015, realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o país tinha uma taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, ocupando a 5<sup>a</sup> posição entre 83 países onde foi realizado estudo semelhante. Outra questão que o estudo mostra é que no período de 2003 a 2013 os homicídios de mulheres brancas caíram 11,9% (de 3,6 para 3,2 por 100 mil), enquanto o de mulheres negras cresceram 19,5% (de 4,5 para 5,4 por 100 mil), o que evidencia o caráter classista, machista e racista do contexto da violência no Brasil <sup>23</sup>.

Nos últimos trinta anos o debate sobre a violência contra a mulher ganhou espaço na academia e no campo político e artístico. Não obstante essa expansão tem sido alvo de forte reação dos setores conservadores, que conseguiram eleger um presidente de ultradireita com uma plataforma pró “família tradicional”, ultraliberal e anticomunista. Ele afirmou em 2014 em uma sessão da câmara de deputados que não estupraria Maria do Rosário, deputada e ex-ministra do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), porque a mesma não merecia <sup>24</sup>.

Após o início da pandemia, ao invés de investir em medidas de ampliação da rede de apoio às mulheres em situação de violência, o presidente fez uma declaração nacional que justifica as mesmas. Com as indicações dos mecanismos internacionais e do meio científico do distanciamento social, enquanto principal medida para diminuir o número de contágio e de mortes, o presidente afirmou publicamente que o aumento da violência doméstica nesse momento era fruto das dificuldades econômicas enfrentada pelos homens para sustentar suas famílias devido à medida sanitária <sup>25</sup>. Jair Bolsonaro com essa declaração não só incentiva a não realização do distanciamento social, como justifica atitudes que são frutos de uma sociedade patriarcal e machista. Nenhum homem pratica violência pela falta de alimentos ou por estar alcoolizado, mas sim porque historicamente a dominação da mulher através da violência foi necessária para manter a divisão sexual do trabalho, a propriedade privada e a exploração do ser humano.

Isso não significa que parte-se nesse texto de uma concepção de culpabilização individual, que apresenta o ser social homem de forma naturalizada como um ser machista e violento, pelo contrário. Como bem trabalhado em “A origem da família, da propriedade privada e do Estado” por Engels, as relações hierárquicas entre os sexos

surgem a partir de contradições instauradas pelos entraves do desenvolvimento das forças produtivas sob o modo de produção comunal, que foi a forma de viver da humanidade na maior parte de sua existência enquanto *Homo sapiens* (ENGELS, 2012). Nas chamadas comunidades primitivas, apesar de haver uma distinção entre homens e mulheres a partir do sexo e uma divisão de trabalho, não havia relações de poder que organizava essa diferença, nem uma relação de hierarquia entre as tarefas, o que não implicava em relações de violência e dominação. Leacock, no posfácio ao livro do Engels, afirmou nesse sentido:

O ponto importante para o *status* das mulheres é que o trabalho doméstico era comunal e a divisão de trabalho entre os sexos era recíproca; a economia não envolvia a dependência da mulher e dos filhos do marido. Praticamente todo o alimento, caça de grande porte e o que se produzia no campo eram divididos entre um grupo de famílias (LEACOCK, 2012, p. 254).

Com o surgimento da divisão sexual e social do trabalho, bem como da propriedade privada, o controle sob o corpo e a vidas das mulheres tornou-se necessidade do modo de produção escravista, a fim de acumular e transmitir a propriedade adquirida. Esse formato social generalizou-se em algumas partes do mundo em momentos distintos, mas não sem resistência das mulheres, que sempre lutaram contra a dominação masculina.

O sistema patriarcal é obra da própria humanidade que se apresenta estranhada e alienada em uma totalidade estruturante. Os seres humanos não reconhecem nessa realidade estranhada o produto de sua própria história e esse aspecto objetivo se apresenta como parte da “natureza” humana e se expressa na subjetividade do ser social e nas relações com seus semelhantes.

Sob o capital o par dominação/exploração é reproduzido, atualizado e modificado a partir das suas necessidades e da dinâmica da luta de classes. Essa realidade contraditória gera possibilidades de rompimento com a ideologia de naturalização da violência machista e da exploração do trabalho, que por isso precisa ser reiteradamente reafirmada através dos aparelhos privados de hegemonia <sup>26</sup> ou ampliando-se ainda mais a violência. O apelo do presidente à família tradicional, a expansão das igrejas pentecostais, o projeto “Escola sem Partido” <sup>27</sup>, chamado pelos movimentos de luta de “Escola com Mordaça” <sup>28</sup>, o Estatuto do Nascituro <sup>29</sup> são formas

ideológicas de reafirmar essa submissão da mulher e ao mesmo tempo são expressões da derrota de um projeto classista no último ciclo de lutas no Brasil.

Por último cabe pontuar que os números apresentados evidenciam principalmente a violência física, que em geral é aquela que é denunciada. Porém, em momentos como esses, todas as formas de violência são ampliadas – sexual, psicológica, patrimonial e moral. As piores condições de trabalho e as demissões mais acentuadas em alguns setores, se por um lado expressam a divisão sexual do trabalho, colocam as mulheres em maiores possibilidades de assédio moral e sexual. Dessa forma, os próximos tópicos refletem sobre espaços de trabalho ocupados majoritariamente por mulheres e a condição encontrada para a realização dos mesmos.

### **3.1 Quem limpa o convés e os quartos se afoga primeiro?**

A primeira morte gerada pela COVID-19 no estado do Rio de Janeiro foi de uma trabalhadora doméstica de 63 anos, que contraiu o vírus da patroa, no apartamento da mesma no Alto Leblon, bairro da Zona Sul da cidade. A patroa havia voltado de viagem recente na Itália, mas não teve os cuidados necessários para manter seu isolamento e não liberou a trabalhadora. A mesma percorria 120Km semanalmente para chegar ao trabalho, com a necessidade de pegar três conduções até o local<sup>30</sup>.

Em um momento no qual as medidas de limpeza é uma das principais indicações para conter a transmissão da doença, o cuidado doméstico passa a ganhar atenção, mesmo mantendo escamoteado sua função nessa sociedade, quem o realiza e as condições de sua realização. Como aponta Angela Davis, as tarefas domésticas são “invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas” (DAVIS, 2016, p.225), “Ninguém às percebe, exceto quando não são feitas” (DAVIS apud EHRENREICH, ENGLISH, 1975, p.225). As tarefas domésticas – cozinhar, lavar, passar, limpar, cuidar das crianças – são essenciais para manter a reprodução da vida e principalmente, da força de trabalho, capaz de ser explorada no mercado. Funções que poderiam ser coletivas através de creches, restaurantes, lavanderias públicas são impostas a um núcleo familiar, onde são as mulheres as principais responsáveis ou repassa-se para uma outra mulher.

O cuidado doméstico, fora do ambiente público, foi imposto às mulheres com a divisão sexual do trabalho, e mais tarde, à população negra, no período de escravidão dos povos africanos. Porém, até a revolução industrial, a economia doméstica era muito mais diversificada e tinha um maior valor social diante da produção da vida. Fiar, tecer, produzir remédios a partir de ervas, realizar partos, fabricar velas, sabão, pães,

manteiga, eram tarefas que estava no arcabouço da economia doméstica, transferidas para o trabalho industrial com o surgimento do capitalismo. Porém, outras tarefas que poderiam ser sociais e industrializadas são mantidas no ambiente doméstico, revelando a manutenção de um trabalho artesanal familiar (DAVIS, 2016), que ao mesmo tempo que é produzido pelas as mulheres no interior da família, também produz, de forma mais acabada, um modelo nuclear, privado e individualista de família e de “mulheres donas de casa”.

Assim, seu caráter improdutivo, no sentido de geração de mais valia diretamente para o sistema capitalista, não faz perder sua função fundamental nessa sociedade, manter a reprodução da força de trabalho e o núcleo familiar heteronormativo burguês. Seus aspectos de realização individual, pouco criativo, contínuo (sempre tem algo a limpar) e repetitivo, desumaniza quem as realiza e aprisiona, embrutece e esmaga as mulheres nesse ambiente restrito e adoecedor. Essas tarefas ganharam ainda mais importância e foram intensificadas com as políticas sanitárias e higienistas modernas, que atribui a principal causa das doenças a micro-organismos, ou seja, a agentes biológicos, como apontado anteriormente.

Sua pouca valorização, sua realização em condições de forte submissão e com precárias condições trabalhistas perpassam pela dominação histórica que foram submetidas as mulheres e principalmente, as mulheres negras escravizadas. Apenas em 2013 a Proposta de Emenda Constitucional (66/2012), a PEC das Domésticas, foi aprovada, sendo fruto de lutas pgressas e atuais das mulheres negras <sup>31</sup>, como Laudelina Campos, fundadora do primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil <sup>32</sup>. Ela estabelece uma série de direitos que devem receber a categoria, como carteira assinada, FGTS, seguro-desemprego e férias remuneradas. Apesar disso, manifesto realizado por filhos e filhas de empregados(as) domésticos(as) aponta que apenas 1,5 milhões desses(as) trabalhadores(as) têm carteira assinada, 2,3 milhões atuam sem carteira e 2,5 milhões são diaristas <sup>33</sup>.

De acordo com PNAD contínua no último trimestre de 2019 existiam cerca de 6,2 milhões de trabalhadores domésticos no Brasil, sendo a categoria profissional com menores médias salariais do território (IBGE, 2020). Na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) de 2018, na região metropolitana de São Paulo, 96,6% da categoria eram mulheres e 56,1 % eram negras (DIEESE, 2019) enquanto na região metropolitana de Salvador 96,8% eram mulheres e 94,9 % eram negras (DIEESE, 2018).

O caso gritante do assassinato de Miguel, filho de trabalhadora doméstica negra, que morreu após ser colocado em um elevador pela patroa de sua mãe, que havia saído para levar os cachorros para passear <sup>34</sup>, escancara as condições de exploração, submissão e racismos deste trabalho. Sua mãe poderia estar em casa, como todos (as) aqueles (as) que não realizam trabalhos essenciais, mas não pôde estar provavelmente devido a possibilidade de perder o emprego.

Ainda é importante salientar, que o trabalho doméstico não remunerado também é exercido majoritariamente por mulheres e com a pandemia esse trabalho tende a aumentar ainda mais. Dados do IBGE mostram que as mulheres gastam o dobro de tempo dos homens em tarefas domésticas <sup>35</sup>. Pesquisas têm mostrado que após o início da pandemia o número de artigos publicados nos quais as mulheres são as principais ou únicas autoras reduziram drasticamente, o que pode representar uma face do aumento da sobrecarga doméstica <sup>36</sup>.

### **3.1.1 Quem salva também é salvo?**

Trabalhadoras e trabalhadores da saúde ganham destaque pelo trabalho realizado tanto na assistência direta aos pacientes, quanto nos processos educativos e na realização de pesquisas científicas relacionadas à COVID-19. Ressaltados pela mídia como heróis nacionais, cabe a pergunta quem são esses “heróis”, sempre apresentados no masculino, e suas condições de vida e trabalho.

Ocupado majoritariamente por mulheres, o setor de saúde é um locus de trabalho que em partes de suas subdivisões tem similaridade com aos cuidados maternos e domésticos. Há setores que essa presença é ainda maior, como da enfermagem <sup>37</sup>, cuidadores/as <sup>38</sup> e agentes comunitárias, profissões que utilizam em menor escala as tecnologias duras, requerem tempo de estudos menores e realizam funções com maiores semelhanças com o trabalho doméstico, tanto do ponto de vista organizativo, quanto no cuidado com os doentes. Dentre essas, exceto as enfermeiras, que necessitam de ensino universitário e tempo de qualificação mais longo, as demais profissões, incluindo técnicas e auxiliares de enfermagem, requerem apenas cursos técnicos para exercerem os cargos, o que ratifica que dentro da divisão intelectual e braçal do trabalho na saúde, as mulheres ocupam os setores com maior predomínio do trabalho braçal (MACHADO, 2015; DURÃO, 2013).

Apesar da grande importância dessa categoria profissional, a mesma ainda sofre com péssimas condições de trabalho, baixos salários, pouca valorização, assédio moral e

sexual. Muitas dessas profissionais precisam exercer múltiplas jornadas para conseguirem sustentar suas famílias, tendo um alto nível de adoecimento ligado ao trabalho devido a essas condições. Pesquisa do DIEESE de 2016 mostrou que quase 600 mil trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) tinha mais de um vínculo de trabalho em estabelecimentos do sistema público, sem contar outros vínculos em instituições privadas ou não formais, desses 49% eram profissionais da enfermagem. No momento no qual, longas jornadas de trabalho significa maior sobrecarga e maior possibilidade de contaminação e que a rotatividade de profissionais em diferentes estabelecimentos aumenta a chance de transmissão da doença, essa realidade é ainda mais problemática (DIEESE, 2020).

Entre as pessoas empregadas no SUS 75,4 % são mulheres e 34 % são pessoas negras, com uma representação de 26% de mulheres negras. Entre 2014 e 2016 houve um aumento da ocupação nesse setor com uma expansão de 14,4% de cargos de trabalho, porém a variação foi responsabilidade do aumento majoritário no setor privado e através dos empregos sem carteira assinada, que entre 2012 e 2016 ampliou 38,8%, chegando a 2016 com uma parcela de 31,4% dos trabalhos no setor. Ou seja, houve um aumento de trabalhadores (as) neste campo, porém com uma precarização dos vínculos (DIEESE, 2020).

Apesar da maioria da ocupação ser de mulheres, existe uma grande diferença de hierarquia entre as profissões da saúde, que implica em salários e condições de trabalho distintos. Os (as) médicas clínicas apresentavam a maior remuneração em 2016 (R\$ 9.913,00) e os (as) cuidadores (as) a menor (R\$ 1377,00), o que implica em diferenças salariais de sete vezes entre a menor e maior remuneração. As mulheres recebiam 75% dos salários dos homens e as mulheres negras 60% da remuneração dos homens brancos (DIEESE, 2020).

Não é coincidência que o país que apresenta o maior número de morte de enfermeiras e profissionais de saúde no mundo por COVID – 19 é o Brasil, o contexto da pandemia escancara a dura realidade dessas profissionais. A falta de EPIs, o não afastamento dos profissionais em categorias de risco, as jornadas exaustivas, o número de profissionais insuficiente para a quantidade de trabalho, o medo de ser vetor de transmissão para familiares, a falta de testes diagnósticos para profissionais de saúde, a não organização sistemática de processos de educação em saúde, a falta de políticas públicas para garantir que os profissionais não retornem para casa, a negligência com o isolamento social, a necessidade de conviver com a morte e escolha de pacientes para

ocupar os leitos insuficientes é a face dramática encarada todos os dias por essas mulheres <sup>39, 40</sup>.

### **Considerações**

A pandemia da COVID-19 é resultado da ordem predatória capitalista, que para continuar sua valorização se expandiu globalmente destruindo a natureza e explorando intensamente a classe trabalhadora. As crises sanitária, política e econômica são parte das condições de sua existência. A alta mortalidade e o número de acometidos, bem como o sofrimento, violências e adoecimentos mentais foram agudizados nesse momento, mas já eram parte dessa totalidade social. Países que sofrem com as guerras imperialistas de rapina ou nas periferias urbanas do Brasil e dos Estados Unidos, onde existe um contínuo extermínio da população negra, sob justificativa de guerra às drogas, a sensação de medo e catástrofe é uma constante. A condição das mulheres e principalmente das mulheres negras, em relação às condições de trabalho, feminicídio, violência doméstica e outros âmbitos, como a situação carcerária, mostra diferentes níveis de determinação e sobredeterminação, construídas a partir de uma totalidade onde a situação étnica/racial e sexual foram utilizadas para legitimar a possibilidade de diferentes formas de exploração, expropriação e desumanização.

O governo ultraconservador brasileiro, que remete a todo momento aspectos fascistas, como a ideologia do darwinismo social, torna a situação do país ainda mais alarmante. O número de mortes e casos notificados não desaceleraram a ascensão como era previsto, e já se tornou um dos piores cenários mundiais <sup>41</sup>.

O Titanic está à deriva e milhares de seus tripulantes foram jogados ao mar. Se suas engrenagens velhas não forem destruídas e instaladas novas, provavelmente todo navio afundará, levando junto toda a humanidade. Criar um outro navio estando dentro do próprio navio. Construir novas peças, instalá-las e colocá-las em movimento com o barco em movimento. Mas para isso é preciso primeiro tomar sua direção. Juntar aquelas que estão presas nos quartos, salvando vidas e/ou limpando a sujeira dos ricos e tomar o leme da navegação é possível e vital. Talvez os gritos “deixe – me respirar” de George Floyd <sup>42</sup>, que tomou as ruas estadunidenses e outras partes do mundo e a revolta contra a morte de Miguel e João Pedro, junto às lutas antifascistas, que tem avançado nas ruas brasileiras <sup>43</sup>, sejam passos que apontam a necessidade do motim se generalizar entre a tripulação. Só será possível mudar a condição das mulheres, bem como a

possibilidade de novas repercussões da pandemia ou mesmo novos eventos dessa proporção, mudando a estrutura que as engendra.

## 5. REFERÊNCIAS:

1. BASILE, Gonzalo. La triada de cuarentenas, neohigienismo y securitización en el SARS-CoV-2 : matriz genética de la doctrina del panamericanismo sanitario. *Ediciones GT Salud Internacional y Soberanía Sanitaria CLACSO* (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), Mayo 2020.
2. BOTELHO, Maurilio Lima. *Epidemia econômica: Covid – 19 e a crise capitalista*. Publicado em: 02.04.2020 Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/02/epidemia-economica-covid-19-e-a-crise-capitalista/>. Acesso em 24.05. 2020
3. DIEESE. *Trabalhadoras domésticas na Região Metropolitana de São Paulo – 2018. Pesquisa de emprego e desemprego*. Publicado em: 04.2019. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2019/2019empreDomSAO.html> Acesso em: 20.05.2020
4. DIEESE. *O emprego doméstico na Região Metropolitana de Salvador*. Publicado em: 04.2018. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018empreDomSSA.html> Acesso em: 20.05.2020
5. DIEESE. *A saúde pública precisa de segurança e não de seguro. NOTA TÉCNICA. Número 236*. Publicada em: 15.04.2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/notatecnica/2020/notaTec236Saude.html> Acesso em 05 de maio de 2020.
6. DURÃO, Anna Violeta Ribeiro. *Qualificação e Gênero no Trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde*. Arca FIOCRUZ, 2013. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/14086/2/Trabalhadores%20T%C3%A9cnicos%20em%20Sa%C3%BAde%20Qualificacao%20e%20Genero%20no%20Trabalho%20das%20ACS.pdf> Acesso em: 25.04.2020
7. ENGELS, Friedrich [1820 – 1895]. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 3ª edição – São Paulo: Expressão popular, 2012
8. ENZENSBERGER, Hans Magnus. *O Naufrágio do Titanic: uma comédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
9. FLOR, José Luís de la. La seguridad sanitaria global a debate. Lecciones críticas aprendidas de la 24.o EVE. *Comillas Journal of International Relations*, n.13, p. 49-62, 2018.
10. FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital - imperialismo: Teoria e história*. 2 edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010

11. IBGE. *PNAD CONTÍNUA*. Publicada em: 31.01.2020. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6b0f3f75e26dbce06d.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0649bf9319de9f6b0f3f75e26dbce06d.pdf) Acesso em: 20.05.2020
12. INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. *Violência Doméstica em Tempos de COVID – 19*. Boletim Mulheres e seus Temas Emergentes. Brasília. Publicado em: 04.2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/pdfs/violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 30.05.2020
13. LAURELL, Asa Cristina. *La salud-enfermedad como proceso social*. Revista *Latinoamericana de Salud*. n. 2, p. 7-25, 1982.
14. LEACOCK, Eleanor Burke. *Posfácio: Introdução à edição estadunidense [1971]*. In: ENGELS, Friedrich [1820 – 1895]. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 3ª edição – São Paulo: Expressão popular, 2012.
15. MACHADO, MH. et al. (Coord.). **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. Relatório final. Rio de Janeiro: Fiocruz; Cofen, 2015. s.d.
16. MARTINS, José. *Notas sobre Misteriosa Criatura*. Publicado em: 25.03.2020. Disponível em: <https://criticadaeconomia.com/2020/03/notas-sobre-misteriosa-criatura/> Acesso em: 24.05.2020
17. MENDES, Áquila; CARNUT, Leonardo. *Lucro ou vidas? Coronavírus e o voto de Minerva*. Revista Movimento. Versão Online. Publicado em: 04.2020. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2020/04/lucro-ou-vidas-coronavirus-e-o-voto-de-minerva/>. Acesso em: 25 de maio de 2020
18. PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça et al. *Crise do Capital, Crise Sanitária, Crise Política – Notas de Conjuntura e Educação*. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 11, n. 3, p. 30-73, dez. 2019.
18. ONU MULHERES BRASIL. *Gênero e COVID - 19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de gênero na resposta*. Brasília. Março de 2020. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf) Acesso em: 25.04.2020
19. UJVARI, Stefan Cunha. *Pandemias: a humanidade em risco*. São Paulo: Editora Contexto. São Paulo. 2011.

## 6. Notas:

1. Professora de Medicina na Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialista em Medicina de Família e Comunidade. Atuação nos seguintes temas: Violência à mulher, saúde mental, educação popular. Email: [akosouza@uefs.br](mailto:akosouza@uefs.br)
2. IVÁNOVA, Adelaide. *Hans Magnus Enzensberger ( 1929 - )*. Publicado em: 02.04.2014. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/tag/hans-magnus-enzensberger/> Acesso em: 05.04.2020

3. CANAL ABERTO. *Jaime Breilh, epidemiólogo: “ Está servida a mesa para el virus”*. Entrevista. Publicado em: 07.04.2020 Disponível em: <https://canalabierto.com.ar/2020/04/07/jaime-breilh-epidemiologo-esta-servida-la-mesa-para-el-virus/?fbclid=IwAR18ihCduLmv3T4oyi2EXX6nKMfhppc4Gu1KWHAINHfjk6tvCbETb1bzkM>. Acesso em 25 de maio de 2020
4. GRANMA. Órgano Oficial del Comité Central del Partido Comunista de Cuba. *En vivo: General de Ejército y Presidente de Cuba indican activación de los Consejos de Defensa ante amenaza de la Covid-19 (III)*. Publicado em: 23.03.2020. Disponível em: <http://www.granma.cu/cuba-covid-19/2020-03-23/en-vivo-primer-ministro-de-cuba-participa-en-mesa-redonda-sobre-medidas-contr-la-covid-19> Acesso em: 02.06.2020
5. GOBIERNO BOLIVARIANO DE VENEZUELA. Unión Nacional para radicalizar a cuarentena social y voluntaria. Reunión de la Comisión Presidencial para prevenir el Covid-19. Palacio de Miraflores, Caracas. Publicado em 23. 03. 2020. Disponível em: <http://www.minci.gob.ve/wp-content/uploads/2020/03/Unio%CC%81n-nacional-para-radicalizar-la-cuarentena-social-y-voluntaria.pdf> Acesso em: 20.04.2020
6. ISTURIZ, Oscar Feo. *Venezuela, guerra y pandemia: la Coronacrisis*. CLACSO. Publicado em: 27.05.2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/venezuela-guerra-y-pandemia-la-coronacrisis/?fbclid=IwAR1Szcqem9hY-Xj4piFauxErWvA71DgvEjOyECW8sbwFEdNn8t2iKULbO1s> Acesso em: 02.06.2020
7. MARCELINO, Fernando. *Porque o Vietnam está vencendo o coronavírus*. Publicado em: 29.04.2020 Disponível em: <https://outraspalavras.net/estadoemdisputa/por-que-o-vietna-esta-vencendo-o-coronavirus/>Acesso em: 20.05.2020
8. WORLDOMETERS. COVID - 19 Coronavirus Pandemic. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 10.06.2020.
9. MARTINS, Pedro. População Negra e COVID - 19: Desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas. Publicado em: 31.03.2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sistemas-de-saude/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas/46338/>. Acesso em 20.04.2020.
10. SANDES, Arthur. *Negros e Pardos já são maioria entre as vítimas fatais por COVID - 19*. Publicado em: 19.05.2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/19/negros-e-pardos-ja-sao-maioria-entre-as-vitimas-fatais-por-covid-19.htm>. Acesso em 30.05.2020.
11. “No Brasil, o vírus tem sido desproporcionalmente mais letal para a população negra. Os relatórios epidemiológicos mais recentes do Ministério da Saúde[4] demonstraram que, apesar da população negra representar apenas 46,7% dos pacientes hospitalizados devido à síndrome respiratória aguda grave, ela corresponde a 54,8% dos óbitos por COVID-19. Mais recentemente, a “Agência Pública”[5] analisou relatórios epidemiológicos de 11 a 26 de abril, revelando que, as mortes causadas pela COVID-19 tinham triplicado entre a população branca, já na população negra, a taxa foi 5 vezes maior. Padrões semelhantes relacionados à raça e mortalidade surgiram nos Estados Unidos, onde os negros americanos constituem menos de 13% da população, mas representam 27% de todas as mortes (mais que o dobro da proporção da população). Em maio de 2020, o Laboratório de Pesquisa APM[6] constatou que “a taxa de mortalidade para negros americanos é 2,2 vezes maior que a dos latinos, 2,3 vezes maior que a dos asiáticos e 2,6 vezes maior que a dos brancos””. HORDGE-FREMAN, *Elizabeth*; CHAGAS, Michel. *COVID-19 e seu impacto nas comunidades negras nos Estados Unidos e no Brasil*. Publicado em: 22.05.2020. Disponível em: <https://www.stevebiko.org.br/single->

[post/2020/05/22/COVID-19-e-seu-impacto-nas-comunidades-negras-nos-Estados-Unidos-e-no-Brasil](https://post/2020/05/22/COVID-19-e-seu-impacto-nas-comunidades-negras-nos-Estados-Unidos-e-no-Brasil). Acesso em 30.05.2020.

12. DOMÍNGUEZ, Nuño. Maior estudo sobre cloroquina e hidroxicloroquina demonstra que aumentam risco de arritmias e morte. Publicado em: 22.05.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-22/maior-estudo-sobre-cloroquina-e-hidroxicloroquina-demonstra-que-aumentam-risco-de-arritmias-e-morte.html>. Acesso em 30.05.2020.

13. “Imunidade coletiva, popularmente conhecida como “imunidade de rebanho”, é o conceito criado por imunologistas para calcular quantas pessoas numa população precisam estar imunes a um agente infeccioso para que ele não atinja indivíduos vulneráveis. A ideia é simples: quanto mais pessoas vacinadas, menos pessoas doentes, menos vírus circulando. A expressão tornou-se mais conhecida depois que o deputado federal Osmar Terra (MDB-RS) veio a público dizer que a epidemia só terminaria depois que 70% da população fosse contaminada. Para Cristina Bonorino, da Sociedade Brasileira de Imunologia e professora da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, a imunidade não é algo que se estabelece naturalmente. “O que sabemos sobre o SarS-Cov-2 é baseado em epidemias anteriores causadas por outros coronavírus, como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (Mers) e a Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars).” Ainda não se sabe ao certo qual porcentagem da população precisaria contrair o SarS-Cov-2 para estar imunizada e não transmitir a doença, mas algumas pesquisas estimam que este número estaria entre 60% e 80%. Cristina enfatiza, ainda, que a proteção coletiva só é possível por meio de campanhas de vacinação. “A exposição da sociedade ao coronavírus custaria a vida de milhões de cidadãos.” MARIZ, Fabiana. O que é imunidade coletiva ou imunidade de rebanho. Publicado em: 09.06.2020. Disponível em: <https://pfarma.com.br/coronavirus/5715-imunidade-rebanho-coletiva.html> Acesso em: 12.06.2020

14. SAID, Flávia. *Governo Bolsonaro chama coronavírus de gripezinha*. Publicado em: 20.03.2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-chama-coronavirus-de-gripezinha-nao-vai-me-matar/>Acesso em 20.05.2020.

15. MARQUES, Francisco. *Jair Bolsonaro apoia defensores de uma intervenção militar no Brasil*. Publicado em: 20.04.2020. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2020/04/20/jair-bolsonaro-apoia-defensores-de-uma-intervencao-militar-no-brasil>. Acesso em 20.05.2020.

16. SADI, Andréia. *Estratégia do Planalto é escolher novo ministro da Saúde após general assinar mudança no protocolo da cloroquina*. Publicado em: 18.05.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2020/05/18/estrategia-do-planalto-e-escolher-novo-ministro-da-saude-apos-general-assinar-mudanca-no-protocolo-da-cloroquina.ghtml>Acesso em 20.05.2020.

17. “ O Conselho Nacional de Saúde (CNS) reivindica revogação imediata da Emenda Constitucional 95/2016, que retirou verba do Sistema Único de Saúde (SUS), congelando investimentos até 2036. A necessidade se fortalece diante dos casos do Novo Coronavírus (COVID-19) no Brasil. Até agora, de acordo com estudo\* apresentado na Comissão de Orçamento e Financiamento (Cofin) do CNS, o prejuízo ao SUS, de 2018 a 2020, já chega a R\$ 22,48 bilhões se não tivesse ocorrido a redução do piso federal ”. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *NOTA PÚBLICA: CNS reivindica revogação imediata de emenda que retirou verba do SUS, prejudicando enfrentamento ao Coronavírus*. Publicado em: 14.03.2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1064-nota-publica-cns-reivindica-revogacao-imediata-de-emenda-que-retirou-verba-do-sus-prejudicando-enfrentamento-ao-coronavirus> Acesso em 20.05.2020.

18. MAIOR, Jorge Luís Souto. Da Pandemia ao Pandemonio. Publicado em: 25.03.2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/25/mp-927-da-pandemia-ao-pandemonio/> Acesso em: 20.04.2020
19. GODIN, Melissa. *As Cities Around the World Go on Lockdown, Victims of Domestic Violence Look for a Way Out*. Publicado em: 18.03.2020. Disponível em: <https://time.com/5803887/coronavirus-domestic-violence-victims/> Acesso em: 20.04.2020
20. Organização Panamericana de Saúde. *COVID-19 y violencia contra la mujer lo que el sector y el sistema de salud pueden hacer*. Publicado em: 07.04.2020. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52034/OPSNMHHMHCovid19200008\\_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52034/OPSNMHHMHCovid19200008_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 20.04.2020
21. MARIANI, Daniel; YUKARI, Diana; AMÂNCIO, Thiago. *Assassinatos de mulheres em casa dobram em SP durante quarentena por coronavírus*. Publicado em: 15.04.2020 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/assassinatos-de-mulheres-em-casa-dobram-em-sp-durante-quarentena-por-coronavirus.shtml> Acesso em: 16.04.2020
22. BRAGON, Ranier; MATTOSO, Camila. *Feminicídio cresce no Brasil e explode em alguns estados. Folha de São Paulo*. Publicado em: 22.02.2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/feminicidio-cresce-no-brasil-e-explode-em-alguns-estados.shtml> Acesso em: 20.04.2020
23. WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª Edição Brasília. Distrito Federal. 2015
24. O GLOBO. *Bolsonaro diz que não estupraria ex – ministra porque ela não merece*. Publicado em: 09.02.2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-nao-estupraria-ex-ministra-porque-ela-nao-merece-14783124> Acesso em 28.05.2020
25. CATRACA LIVRE. *Bolsonaro usa violência doméstica para criticar isolamento social*. Publicado em: 30/03/2020  
<https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-usa-violencia-domestica-para-criticar-isolamento-social/> Acesso em 28.05.2020
26. Virgínia Fontes, a partir dos estudos gramscianos apresenta o conceito: “ Os aparelhos privados de hegemonia são a vertebração da sociedade civil, e se constituem das instâncias associativas que, formalmente distintas da organização das empresas e das instituições estatais, apresentam - se como associatividade voluntária sob inúmeros formatos. Clubes, partidos, jornais, revistas, igrejas, entidades as mais diversas se implantam ou se reconfiguram a partir da própria complexificação da vida urbana capitalista e dos múltiplos sofrimentos, possibilidades e embates.” ( FONTES, 2010, p.133-134)
27. “ O Brasil abriga cerca de 16 milhões de pentecostais e cinco milhões de protestantes tradicionais. São 21 milhões de evangélicos, ou 12,5% da população. O boom evangélico é de inteira responsabilidade do pentecostalismo. Entre 1980 e 1991, os pentecostais cresceram 12 vezes mais que os protestantes. Enquanto as denominações protestantes, com exceção da Batista, encontram-se estagnadas, as pentecostais conquistam atualmente a extraordinária cifra de mais de um milhão de novos adeptos por ano. A maioria dos quais concentra-se nos estratos mais pobres, menos escolarizados e na população negra.” MARIANO, Ricardo. *O boom pentecostal*. Publicado em: 13.12.00. Atualizado em 21.01.16 - Disponível em: [https://istoe.com.br/42818\\_O+BOOM+PENTECOSTAL/](https://istoe.com.br/42818_O+BOOM+PENTECOSTAL/) Acesso em: 20.05.2020

28. “Tal qual a proposta anterior, cujas ideias são evocadas pelo Movimento Escola Sem Partido (Mesp), criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, o projeto entende ser necessário e urgente adotar medidas eficazes para prevenir uma suposta prática de “doutrinação política e ideológica” nas escolas, bem como a “usurpação dos direitos dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções””. MACHADO, Katia. *Escola sem partido x Escola sem Mordaca*. Publicado em: 15.02.2019. Atualizado em: 21/02/2019 Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/escola-sem-partido-x-escola-sem-mordaca> Acesso em: 20.05.2020

29. “ Em meio à crise política, a Câmara dos Deputados deu mais um passo na tramitação do Estatuto do Nascituro (PL 478/2007), projeto que privilegia os direitos do feto desde o momento da concepção e que transforma o aborto em crime hediondo. ... Atualmente, uma mulher que sofra violência sexual e engravide pode, legalmente, solicitar a interrupção da gestação. Com a proposta do Estatuto do Nascituro, o aborto em caso de estupro, possibilidade existente desde 1940, passa a ser ilegal.” CARTA CAPITAL. *Estatuto do Nascituro avança na Câmara em Meio a Crise Política*. Publicado em: 13.06.2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/estatuto-do-nascituro-avanca-na-camara-em-meio-a-crise-politica/>. Acesso em 20.05.2020

30. MELO, Maria Luisa de. *Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon*. Publicado em: 19.03.2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 20.05.2020

31. DIEESE. *O emprego doméstico no Brasil*. Publicado em: 08.2013 Disponível em: <https://www.dieese.org.br/estudossetorial/2013/estPesq68empregoDomestico.pdf> Acesso em: 20.05.2020

32. “Laudelina mudou-se para São Paulo aos 18 anos. Aos poucos, foi ampliando sua atuação e filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. Em 1936 criou a Associação de Trabalhadores Domésticos do Brasil. Sua trajetória foi fundamental para a organização da categoria na busca de direitos. Laudelina também levantou, através da sua atuação sindical, bandeiras contra o preconceito racial e contra a discriminação das mulheres.” FENATRAD. Laudelina de Campos Melo. Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2019/09/26/laudelina-de-campos-melo/> Acesso em: 20.05.2020

33. “As empregadas domésticas pertencem a uma categoria de trabalhadoras que representam o Brasil. Segundo o IBGE, profissionais que prestam serviços domésticos – o que pode incluir jardineiros, caseiros, empregadas domésticas e diaristas – representam um total de 6,3 milhões de trabalhadores. Todos esses profissionais estão economicamente ativos no País. Desse grupo, 1,5 milhão trabalham com carteira assinada. Outros 2,3 milhões de trabalhadores atuam sem carteira assinada e 2,5 milhões são diaristas, o que as torna um grupo vulnerável diante do cenário atual. A situação de pandemia indica que o maior número de trabalhadores neste momento (de grande risco de contágio) estão desamparados por leis trabalhistas. As diaristas estão em situação ainda mais precária e vulnerável, sem contratos legais que possibilitem, por exemplo, negociar adiantamento de férias.” SOS CORPO. Manifesto das Filhas e dos Filhos de empregados/as domésticos/as e diaristas. Publicado em: 20.03.2020. Disponível em: <https://soscorpo.org/manifesto-das-filhas-e-dos-filhos-de-empregadas-os-domesticas-os-e-diaristas/> Acesso em: 20.05.2020

34. “ A empregada doméstica aposentada Luiza Batista, presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), falou nessa quinta-feira (4) com o Brasil de Fato Pernambuco sobre o caso da morte do menino Miguel Otávio, de 5 anos, ocorrido na terça-feira (2). Filho da empregada doméstica Mirtes Souza, o menino caiu do 9º andar do condomínio de luxo conhecido como “Torres Gêmeas”, no Recife. O acidente foi resultado da negligência de

Sari Corte Real, patroa da mãe de Miguel e primeira-dama de Tamandaré (PE), que mandou a criança sozinha de elevador para a cobertura do prédio. A líder das domésticas percebe no ato elementos remanescentes da escravidão.” SOBREIRA, Vinícius. *Morte do menino Miguel, em PE, tem raízes escravocratas, diz líder de domésticas*. Publicado em: 05.06.2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/05/morte-do-menino-miguel-em-pe-tem-raizes-escravocratas-diz-lider-de-domesticas> Acesso em: 15.06.2020

35. AGÊNCIA IBGE. *Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em trabalhos domésticos*. Publicado em: 26.04.2019. Atualizado em: 31.05.2019 Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas> Acesso em: 05.06.2020

36. CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. *Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres*, Publicado em: 20.05.2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres> Acesso em: 05.06.2020

37. Entre a categoria da enfermagem 85 % dela é composta por mulheres, sendo que entre essas 77% é composta por técnicas ou auxiliares de enfermagem e 23 % por enfermeiras. Entre as técnicas e auxiliares, que têm menores salários e estão hierarquicamente em uma condição mais baixa dentro da organização do trabalho em saúde, 57,4% se declararam como pretas ou pardas (MACHADO, 2015).

38. “ Bom, primeiro eu gostaria de falar das cuidadoras no feminino, porque embora a norma culta da gramática portuguesa trate o “cuidador” no masculino, a gente está falando de uma categoria de trabalhadoras que são, em sua maioria, mulheres. Recentemente, inclusive, uma orientanda minha levantou o perfil de cerca de 1.600 pessoas inscritas para o nosso curso para cuidadoras e 90% eram mulheres. ” NEVES, Julia. *As cuidadoras de idosos estão expostas também a uma situação de risco, já que o cuidado é um trabalho de proximidade. Entrevista com Daniel Groisman*. Publicado em: 23/03/2020. Atualizado em 06/04/2020. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/cuidadoras-de-idosos-estao-expostas-tambem-a-uma-situacao-de-risco-ja-que-o> Acesso em: 05.06.2020

39. “ Dados compilados pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN, sigla em inglês) afirmam que o Brasil é o país com mais mortes de enfermeiros e profissionais de saúde devido à pandemia por covid-19. De acordo com o Cofen, são 157 mortes de profissionais de enfermagem, sendo que, na última quarta-feira (27), já foram confirmadas mais vítimas que ainda serão contabilizadas até o final do dia. O ICN informa que o país tem um número de mortes entre enfermeiros maior que o dos Estados Unidos, com 146 óbitos, e que o do Reino Unido, com 77. ANTUNES, André.” *Em risco: Brasil é o país com mais mortes de profissionais de saúde por covid-19*. Publicado em: 28.05.2020. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2020/05/28/em-risco-brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-profissionais-de-saude-por-covid-19> Acesso em: 10.06.2020

40. A falta de equipamentos de proteção individual (EPIs) e de treinamento adequado para atendimento de pacientes de covid-19 já custaram a vida de 173 profissionais de enfermagem no país, nestes 100 dias desde o primeiro caso relatado da doença, em 25 de fevereiro. Do total, 63% das mortes são de mulheres. O número representa um crescimento de 596,6% dos óbitos de enfermeiras em casos suspeitos ou confirmados de coronavírus desde 6 de abril, quando o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) divulgou o primeiro balanço nacional. ... O órgão realizou ações de fiscalização das condições de atendimento aos pacientes com diagnóstico suspeito ou confirmado de coronavírus em cerca de 11 mil instituições – foi constatado déficit de 19.305 profissionais, sendo 6.815 em enfermagem e 12.490 técnicos ou auxiliares de enfermagem. GOMES, Rodrigo. Publicado em: 05.06.2020. *Morte de enfermeiros pela covid-19 cresce 600% em menos de dois meses. Casos chegam a 17,5 mil*. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/06/morte-de-enfermeiros-pela-covid-19-cresce-600-em-menos-de-dois-meses-casos-chegam-a-175-mil/> Acesso em: 10.06.2020

41. “ A estabilização da pandemia do novo coronavírus no Brasil, esperada pelo Ministério da Saúde para o mês de junho, não se confirmou por causa de um aumento de 22% no número de casos de infecção na semana de 14 a 20 de junho, em comparação com a semana anterior. Os sinais de uma possível desaceleração da doença no país haviam sido reconhecidos pela própria OMS (Organização Mundial de Saúde).” Publicado em: 25.06.2020. Atualizado em: 26.06.2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/25/Por-que-os-casos-de-covid-19-continuam-a-crescer-no-Brasi>. Acesso em: 26.06.2020

42. “ O homem negro repetia instintivamente: “Eu não consigo respirar, eu não consigo respirar, eu não consigo respirar”. O assassinato se consumava pouco a pouco, sob os olhos pan-ópticos das câmeras de transeuntes.” ... Antes de George, no Sul Global, sentíamos a morte de João Pedro. O adolescente de apenas 14 anos foi assassinado com um tiro de fuzil nas costas dentro de sua casa. Seu ar juvenil foi apagado, seu corpo, roubado. “ ANDRADE, Raiane. *Não posso respirar: A morte de George Floyd, a de João Pedro e a pandemia*. Publicado em: 28.05.2020 <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/64930/nao-posso-respirar-a-morte-de-george-floyd-a-de-joao-pedro-e-a-pandemia>. Acesso em: 10.06.2020

43.“ Desde o início da quarentena imposta pela pandemia de coronavírus, nenhuma manifestação crítica ao Governo de Jair Bolsonaro havia gerado tanto barulho nas ruas como o ato convocado por torcidas antifascistas na avenida Paulista, neste domingo. Em defesa da democracia, coletivos originários do futebol também realizaram protesto coordenado em pelo menos outras 15 cidades, a exemplo de Belo Horizonte, Porto Alegre e Rio de Janeiro, onde torcedores dos principais clubes cariocas engrossaram marcha contra o racismo.” PIRES, BREILER. *Torcidas antifascistas assumem linha de frente da mobilização contra Bolsonaro e atraem oposição*. Publicado em: 01.06.2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>. Acesso em 05.06.2020